

## O papel do *smartphone* no desenvolvimento do ciclo vital conjugal

### El papel del *smartphone* en el desarrollo del ciclo vital conyugal

### The role of the smartphone in the development of the conjugal life cycle

**Ionara dos Santos Pereira**

*Atitus Educação (ATITUS), Passo Fundo - RS/Brasil*

**ORCID:** 0000-0002-8179-8936

**E-mail:** ionaradsp@gmail.com

**Cláudia Cenci**

*Atitus Educação (ATITUS), Passo Fundo - RS/Brasil*

**ORCID:** 0000-0001-9998-2339

**E-mail:** claudia.cenci@atitus.edu.br

#### Resumo

A tecnologia da informação e comunicação alterou a natureza dos relacionamentos interpessoais. Se, de um lado, o *smartphone* ganha representatividade no relacionamento conjugal, oferecendo múltiplas formas de comunicação, de outro a atenção exclusiva e o uso excessivo do aparelho celular causam distanciamento dos parceiros conjugais. Este estudo objetivou compreender as funções do *smartphone* no relacionamento conjugal em diferentes etapas do ciclo vital. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de corte transversal, e caráter descritivo e exploratório. Participaram 20 indivíduos heterossexuais que constituíam 10 casais coabitantes, residentes no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, que responderam individualmente um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada *online*. Os dados foram submetidos à análise temática, da qual evidenciou-se dois temas: 1) O papel do *smartphone* no ciclo vital conjugal; 2) A pandemia e as mudanças no uso do *smartphone*. Os resultados foram analisados pela teoria sistêmica e mostraram que o uso do *smartphone* permeia o relacionamento conjugal ao longo de seu desenvolvimento e tanto potencializa as adversidades das diferentes etapas do ciclo vital conjugal como oferece recursos para o casal resolver as dificuldades encontradas nesse percurso. Além disso, o aumento do uso do dispositivo em decorrência da pandemia Covid-19 intensifica a complexidade da relação conjugal.

**Palavras-chaves:** Ciberdependência; Psicologia; Relacionamento conjugal; Smartphone.

#### Resumen

Las tecnologías de la información y la comunicación han cambiado la naturaleza de las relaciones interpersonales. Si por un lado el teléfono inteligente gana protagonismo en la relación conyugal, ofreciendo múltiples formas de comunicación, por otro lado, la atención exclusiva y el uso excesivo del celular provoca distanciamiento de los cónyuges. Este estudio tuvo como objetivo comprender las funciones del teléfono inteligente en la relación matrimonial en diferentes etapas del ciclo de vida. Se trata de una investigación cualitativa, transversal, descriptiva y exploratoria. Los participantes fueron 20 individuos heterossexuales que componían 10 parejas de hecho, residentes en el Estado de Rio Grande do Sul, Brasil, que respondieron individualmente un cuestionario sociodemográfico y una entrevista online semiestruturada. Los datos fueron sometidos al análisis temático, que destacó dos temas: 1) El papel del teléfono inteligente en el ciclo de vida marital; 2) La pandemia y los cambios en el uso de los smartphones. Los resultados

fueron analizados utilizando la teoría sistémica y mostraron que el uso del teléfono inteligente permea la relación conyugal a lo largo de su desarrollo y potencia las adversidades de las diferentes etapas del ciclo de vida conyugal y ofrece recursos para que la pareja resuelva las dificultades encontradas en este camino. Además, el aumento del uso del dispositivo a raíz de la pandemia de la Covid-19 intensifica la complejidad de la relación conyugal.

**Palabras clave:** Ciberdependencia; Psicología; Relación marital; Smartphone.

#### Abstract

Information and communication technology has changed the nature of interpersonal relationships. If, on the one hand, the smartphone gains representation in the marital relationship, offering multiple forms of communication, on the other hand, the exclusive attention and excessive use of the cell phone cause distancing from the marital

partners. This study aimed to understand the functions of the smartphone in the marital relationship at different stages of the life cycle. This is a qualitative, cross-sectional, descriptive and exploratory research. Participants were 20 heterosexual individuals who constituted 10 cohabiting couples, residing in the State of Rio Grande do Sul, Brazil, who individually answered a sociodemographic questionnaire and a semi-structured online interview. The data were subjected to thematic analysis, which highlighted two themes: 1) The role of the smartphone in the marital life cycle; 2) The pandemic and changes in smartphone use. The results were

analyzed using the systemic theory and showed that smartphone use permeates the marital relationship throughout its development and both enhances the adversities of the different stages of the marital life cycle and offers resources for the couple to resolve the difficulties encountered in this path. In addition, the increased use of the device as a result of the Covid-19 pandemic intensifies the complexity of the marital relationship.

**Keywords:** Cyberdependence; Psychology; Marital relationship; Smartphone.

---

## Introdução

Compreender a família a partir do seu processo de desenvolvimento é considerar a existência de um ciclo vital familiar, constituído por um conjunto de etapas definidas conforme características, e pelo qual os membros familiares passam desde a origem até a morte dos primeiros indivíduos (Cervený & Berthoud, 2010). Assim como as diferentes configurações, as particularidades de cada etapa do ciclo vital conjugal interferem em como o casal vivencia a conjugalidade. O início da vida adulta é considerado como a primeira etapa do ciclo vital familiar, em que a formação do casal representa a mudança de uma família de origem para a criação de um novo sistema conjugal (McGoldrick & Shibusawa, 2016).

O ciclo vital do casal foi descrito em quatro etapas: formação do casal; expansão da base; afirmação e preparação; e, anos tardios (Wagner & Delatorre, 2018). Na formação do casal, estima-se o desenvolvimento de uma relação de compromisso, cuidado mútuo e afeto que constitua a identidade conjugal e estabeleça fronteiras com as famílias de origem. Na expansão da base, com a identidade conjugal já coesa, o lugar do casal é definido junto à família extensa e sociedade. Caso tenha filhos, o casal precisa ajustar-se às tarefas parentais e equiponderar seus papéis com frequência. A etapa da preparação e afirmação requer um vínculo estável, a capacidade de compartilhamento dos desejos e das angústias de cada um, ajustando as expectativas do início do relacionamento com a realidade atual. A fase dos anos tardios convoca o casal à

manutenção do apoio mútuo, a partilha de significações e a preparação para as perdas próprias desse período (Wagner & Delatorre, 2018).

O recasamento e o divórcio são considerados eventos inesperados, mas que fazem parte do ciclo normativo e, portanto, podem ser acrescidos a ele. Consistem numa fase que envolve o luto da relação prévia, a capacidade de diferenciar relacionamentos e o desafio de manter fronteiras nítidas frente a tantos subsistemas familiares, resguardando espaços e papéis, principalmente quando há filhos de outras relações (Delatorre, Maesima, Coelho & Wagner, 2022).

Em todas as fases, o casal se depara com tarefas relacionadas a diversos processos adaptativos do ciclo vital conjugal, os quais compreendem o estabelecimento de fronteiras com a família de origem, as diferenças nos papéis sexuais, a comunicação, e as estratégias e recursos para enfrentamento de dificuldades na comunicação, sendo que todos incidem na qualidade e na satisfação conjugal (Wagner & Delatorre, 2018). É por meio dos processos adaptativos que a dinâmica relacional se constitui, os aspectos individuais são organizados com o enfrentamento dos conflitos e a construção da conjugalidade ocorre (Delatorre & Wagner, 2021). Nesse processo evolutivo os casais deparam-se com momentos de transição desestabilizadores e terão que rever o contrato inicial para o crescimento de ambos os cônjuges e evolução para nova fase do ciclo (Andolfi & Mascellani, 2023).

A necessidade de tempo para o compartilhamento de vivências em casal está associada à visão de qualidade conjugal, e parece denotar o desejo das pessoas em investir e desfrutar da relação (Roberts & David, 2016; Scheeren, Neumann, Gryzbowsky, & Wagner, 2015). Os elementos da qualidade conjugal, como por exemplo a paixão, o compromisso e o investimento, variam ao longo do tempo, ainda que todos constituam o relacionamento em algum momento. Desse modo, uma compreensão multidimensional da qualidade conjugal engloba a avaliação que o casal faz de todos os elementos de acordo com o contexto conjugal (Tissot & Falcke, 2017; Delatorre, & Wagner, 2021).

A satisfação é tida como um componente da qualidade do relacionamento visto que é resultante de um processo subjetivo e pessoal, no qual um parceiro o considera satisfatório quando suas percepções positivas em relação a ele se sobrepõem às negativas, sem que haja uma idealização. É necessário mais que a presença afetiva, mas o estabelecimento de uma conexão entre o casal para que ambos, de diferentes formas, entendam a relação como de qualidade e satisfatória (Tissot & Falcke, 2017; Scheeren et al., 2015; Delatorre & Wagner, 2021).

A dinâmica conjugal se estabelece entre o paradoxo da individualidade dos parceiros e da conjugalidade que vivenciam, terreno desafiante à preservação da individualidade ao mesmo tempo em que se constrói a identidade conjugal (Dantas, Féres-Carneiro, Machado, & Magalhães, 2019). O potencial de flexibilização e da adaptabilidade na relação são necessários para a conquista das individualidades dentro desse projeto conjunto, o que requer também o exercício contínuo da adequação, da renúncia e da submissão (Porreca, 2019). Os casais que decidem ter filhos ainda se deparam com as repercussões da parentalidade na conjugalidade, assim como casais recasados precisam administrar as interações entre os diferentes subsistemas (Delatorre et al., 2022).

Os avanços tecnológicos, em constante inovação, interferem significativamente no comportamento das pessoas, em suas relações interpessoais e no relacionamento conjugal (Oliveira, Barros, & Goulart, 2016). A comunicação via aplicativos torna-se imprescindível e, com isso, a ausência física deixa de inviabilizar o desenvolvimento de novos laços afetivos e proporciona que pessoas, de diferentes locais e contextos, se encontrem e se relacionem na virtualidade (Haack & Falcke, 2017).

A tecnologia da informação e comunicação, por meio da *Internet*, utiliza diferentes dispositivos (computador, *tablet*, *smartphone*), redes sociais (*Instagram*, *Facebook*, *Twitter*) e aplicativos (*WhatsApp*, *Telegram*) para que as pessoas se comuniquem e tenham acesso à informação (Boechat, Cabral, & Souza, 2017). Dentre os dispositivos de tecnologia da informação e comunicação, o *smartphone* ganhou espaço na vida das pessoas, tanto que 52% da população brasileira afirma não conseguir ficar sem utilizá-lo por um dia inteiro (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística [IBOPE], 2018).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua mostra que 77,4% da população brasileira possuía telefone celular para uso pessoal em 2016, e esse número aumentou para 84,4% em 2021. Na região Sul do país, o percentual em 2016 era de 82,4%, elevando-se a 88,1% em 2021, sendo que o aumento foi maior nas mulheres (6,5%) do que em relação aos homens (4,8%). Além disso, 39,6% das pessoas acessam à *Internet* exclusivamente pelo dispositivo, se comparado a microcomputadores, *tablets*, televisão e outros equipamentos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2021).

Concomitante à evolução tecnológica, surgem novos comportamentos em relação ao uso das diferentes tecnologias, nos quais têm se identificado dificuldades em usufruir das facilidades e manter uma inter-relação saudável com todas elas (Maziero & Oliveira, 2016). Dentre eles, a angústia sentida pela impossibilidade de se comunicar por meio do

*smartphone*, computador e/ou *Internet*, denominada “nomofobia”. Esse medo moderno se relaciona a diversos comportamentos, como por exemplo o uso intenso e a preferência pela comunicação por meio das novas tecnologias, a preocupação com o nível de bateria do aparelho, a sensação de ansiedade ou nervosismo quando é necessário se afastar do dispositivo ou pela falta de conexão com a *Internet*, a necessidade de mantê-lo por perto e deixá-lo próximo à cama ao dormir, bem como o hábito de verificar notificações com frequência (Oliveira, Rocha Neto, Barreto, Brito, & Pinheiro, 2020).

No contexto afetivo, o *smartphone* é tido como ferramenta de aproximação de pessoas e reafirmação de laços amorosos (Hertlein & Anчета, 2014; Leggett & Rossouw, 2014). Do mesmo modo, as distrações ocasionadas pelo dispositivo geram a sensação de que o parceiro se ausentou da relação e despertam a utilização de formas de afastamento ou a não resolutividade efetiva dos conflitos (Roberts & David, 2016). Ao se considerar que dificuldades de relacionamento geralmente são triangulares e o triângulo como unidade mínima relacional estável, o uso do *smartphone* pode triangular com os cônjuges, mesmo que isso não se revele nitidamente. A triangulação pelo uso do dispositivo tenderá a estabilização do relacionamento e a manutenção do conflito (Nichols & Schwartz, 2007).

A preferência pelo uso do *smartphone* em detrimento ao relacionamento conjugal se relaciona ao conceito de *Phubbing*, *Partner Phubbing* ou *Pphubbing*, fenômeno que ocorre quando durante uma conversa ou atividade a atenção é direcionada exclusivamente ao aparelho e um dos cônjuges é ignorado, o que gera impactos negativos do uso excessivo do *smartphone* para a relação (Água et al., 2019; González-Rivera et al., 2018; Roberts & David, 2016; Wang et al., 2021). Essa interferência da tecnologia permeia as relações contemporâneas, nas quais pode haver indivíduos em sofrimento pela falta de controle e dependência do aparelho, afetando a vida

cotidiana e os relacionamentos românticos (McDaniel & Coyne, 2016; McDaniel & Radeski, 2018).

O meio virtual pode ser visto como um caminho para quem esteja apto e disponível a preencher lacunas emocionais de uma relação insatisfatória. A cultura digital hipervaloriza a exposição pública nas redes sociais e desgasta as fronteiras entre o público e o privado (Canezin & Almeida, 2015; Mendes-Campos et al., 2020). Se, de um lado, o uso da tecnologia impacta negativamente a satisfação conjugal inclusive durante o lazer e no tempo que passam juntos e, conseqüentemente, essa insatisfação interfere na qualidade do relacionamento diário (McDaniel, Galovan & Drouin, 2020). Por outro, o uso de *smartphones* nas interações conjugais fornecem maneiras fáceis para os casais manterem contato um com o outro durante o dia, organizarem a vida diária e demonstrarem amor e afeição, oferecendo meios para uma comunicação não-verbal que se relaciona positivamente com a satisfação conjugal (Bröning & Wartberg, 2022).

O uso do *smartphone* entre diversas tecnologias foi potencializado pela pandemia COVID-19 para que se mantivesse a comunicação entre as pessoas, especialmente durante o isolamento social. Essa crise histórica testou os recursos de resiliência da família que, como unidade, precisou lidar com a angústia decorrente da perda de sua rede de referência, o luto pela morte de pessoas próximas, as dificuldades financeiras e, por fim, as tensões internas relacionadas com a partilha dos espaços domésticos. Os sistemas familiares frágeis foram expostos ao duplo risco de afastamento dos vínculos afetivos ou mesmo de rejeitá-los e entrarem em conflito pela intensa convivência (Gritti, Salvati, Russo, & Catone, 2020). Para os sistemas conjugais, além de passarem mais tempo juntos, os casais precisaram lidar com a interferência da tecnologia nos sentimentos de ciúme, intrusão eletrônica e incerteza no relacionamento conjugal e nas relações parentais (Ligman, Rodriguez, & Rocek, 2021).



Esse cenário, portanto, torna-se relevante para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas. O presente estudo objetiva compreender as funções do *smartphone* no relacionamento conjugal em diferentes etapas do ciclo vital, abrangendo o papel do dispositivo no relacionamento conjugal, as repercussões na qualidade e satisfação conjugal, bem como as modificações acarretadas pela pandemia no uso desta tecnologia. Conhecer a vivência dos casais e o uso do *smartphone* na conjugalidade pode contribuir para a produção de conhecimento científico e oferecer subsídios a profissionais da Psicologia no atendimento de casais que enfrentem problemáticas relacionadas ao tema.

### **Método**

#### **Delineamento**

Trata-se de uma pesquisa com delineamento qualitativo, exploratório, descritivo, de corte transversal. A perspectiva exploratória busca conhecer o fenômeno estudado. O caráter descritivo procura elencar os conceitos que explicam o comportamento nas relações (Yin, 2016). A pesquisa foi realizada transversalmente considerando as etapas do ciclo vital familiar a serem investigadas.

#### **Participantes**

Participaram da pesquisa 20 indivíduos heterossexuais que constituíam 10 casais coabitantes, em diferentes etapas do ciclo vital familiar. O número de participantes considerou as especificidades da pesquisa qualitativa, na qual prevalece a certeza de que se encontrou uma lógica do tema a partir dos resultados obtidos neste estudo (Minayo, 2017). Os critérios de inclusão foram: casais com idade superior a 18 anos, com ou sem filhos, em relação estável, casados ou recasados, independente do tempo de relação, e coabitantes há, no mínimo, dois anos na coleta de dados. Os critérios de exclusão eram casais cujos cônjuges interrompessem a participação

em qualquer momento da pesquisa, ingressassem em processo de separação, ou que tivessem algum tipo de psicopatologia (American Psychological Association [APA], 2019). Não houve exclusão de participantes neste estudo.

Todos os casais residiam no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil: oito no interior, um na capital e outro na região metropolitana. A idade dos participantes variou entre 26 a 78 anos. A situação conjugal abarcava casais coabitantes, em união estável formalizada, casados e recasados. Assim, quatro casais moravam juntos sem oficialização da relação; três casais eram casados ou em união estável oficializada; e, três eram recasados, sendo dois destes com filhos adultos de relacionamentos anteriores. Quanto aos filhos do relacionamento atual, quatro casais não tinham filhos, três tinham filhos pequenos, dois esperavam pelo primeiro filho, e um casal tinha filhos adolescentes. A renda familiar variou de 1 a mais de 10 salários-mínimos e, na maior parte dos casos, a renda proveniente do homem foi superior à da mulher. A maioria dos participantes concluiu Especialização ou uma pós-graduação *Stricto Sensu* (n=9), sendo o restante composto por Ensino Médio ou Fundamental (n=7), e Ensino Superior (n=4). A Tabela 1 detalha dados sociodemográfico dos casais entrevistados.

#### **Instrumentos**

Os participantes responderam, individualmente, a uma ficha de dados sociodemográficos com o objetivo caracterizá-los, bem como a um roteiro de entrevista semiestruturada, composta por cinco questionamentos abertos e norteadores, que contemplavam: 1) breve histórico do casal; 2) uso do *smartphone* durante um dia comum do casal; 3) percepção sobre o relacionamento conjugal nos quesitos “satisfação” e “qualidade”; e, 4) impactos da pandemia no relacionamento conjugal e do uso do *smartphone* na conjugalidade.

Quadro 1

Dados sociodemográficos dos participantes

|          | Idade        | Escolaridade                      | Área de Atuação                | Renda familiar (salário-mínimo: R\$ 1.302,00) | Tempo de relação | Filhos desta relação / Idade | Recasados | Outros filhos |
|----------|--------------|-----------------------------------|--------------------------------|---|------------------|------------------------------|-----------|---------------|
| Casal 1  | F 61<br>M 78 | Ensino Superior<br>Ensino Médio   | Aposentadoria<br>Aposentadoria | de 1 a 5<br>salários-mínimos                  | 17 anos          | Não                          | Sim       | Sim           |
| Casal 2  | F 43<br>M 56 | Doutorado<br>Pós-Doutorado        | Educação<br>Empresa            | mais de 10<br>salários-mínimos                | 12 anos          | Não                          | Sim       | Sim           |
| Casal 3  | F 29<br>M 32 | Especialização<br>Ensino Superior | Saúde<br>Manutenção            | de 6 a 10<br>salários-mínimos                 | 8 anos           | Não                          | Não       | Não           |
| Casal 4  | F 36<br>M 32 | Especialização<br>Ensino Médio    | Serviço Público<br>Empresa     | mais de 10<br>salários-mínimos                | 8 anos           | Não                          | Não       | Não           |
| Casal 5  | F 36<br>M 34 | En. Fundamental<br>Especialização | Estética<br>Informática        | de 1 a 5<br>salários-mínimos                  | 18 anos          | Sim<br>15, 13                | Não       | Não           |
| Casal 6  | F 32<br>M 36 | Especialização                    | Direito<br>Saúde               | de 6 a 10<br>salários-mínimos                 | 11 anos          | Sim<br>1                     | Não       | Não           |
| Casal 7  | F 38<br>M 35 | Ensino Superior<br>Mestrado       | Direito<br>Saúde               | de 6 a 10<br>salários-mínimos                 | 3 anos           | Sim<br>2                     | Não       | Não           |
| Casal 8  | F 37<br>M 33 | Especialização<br>Ensino Superior | Turismo<br>Empresa             | mais de 10<br>salários-mínimos                | 12 anos          | Gestação                     | Não       | Não           |
| Casal 9  | F 29<br>M 26 | Ensino Médio                      | Dança<br>Comércio              | de 6 a 10<br>salários-mínimos                 | 4 anos           | Gestação                     | Não       | Não           |
| Casal 10 | F 30<br>M 43 | Ensino Médio                      | Serviços Gerais<br>Saúde       | de 1 a 5<br>salários-mínimos                  | 8 anos           | Sim<br>3                     | Sim       | Não           |

Nota. Quadro elaborado pelos autores

Coleta dos dados

A seleção dos participantes foi realizada por conveniência, a partir da rede relacional da pesquisadora, e a indicação dos casais ocorreu por meio do critério “bola-de-neve” (Vinuto, 2014). O contato inicial se deu por mensagem no aplicativo *WhatsApp* ou chamada telefônica, momento em que foram explicados o tema e os objetivos da pesquisa. A coleta de dados aconteceu após assinatura digital do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) enviado ao *e-mail* pessoal de cada um dos cônjuges. Em seguida, a ficha de dados sociodemográficos foi respondida pela ferramenta *Google Forms* com a indicação de nomes fictícios para a preservação da identidade dos participantes.

O roteiro de entrevista semiestruturada foi respondido de forma individual pelos participantes, por intermédio da plataforma *Zoom*. As entrevistas foram gravadas, armazenadas em dispositivo local e transcritas integralmente. Após a transcrição, os arquivos de áudio foram excluídos e as entrevistas

transcritas foram arquivadas no NEFAC (Núcleo de Estudos e Intervenções em Indivíduos, Casais e Famílias), sob a responsabilidade da professora orientadora da pesquisa. As entrevistas ocorreram conforme disponibilidade dos casais, em horários diferentes para cada participante, sendo solicitado que não permanecessem no mesmo ambiente e evitassem a comunicação durante a coleta dos dados. A opção pela coleta dos dados individualmente para cada participante foi em razão da pesquisa tratar de um tema sensível à conjugalidade, de forma que a coleta sem a presença do cônjuge possibilitava maior privacidade e um espaço para falar livremente sobre o uso do *smartphone* no contexto conjugal.

A devolução dos resultados da pesquisa aos participantes foi realizada pelo *WhatsApp*, com o envio de uma síntese dos dados, e a disponibilização de agendamento para diálogos aos interessados. Os resultados do estudo serão apresentados à comunidade em um artigo de caráter informativo publicado em jornais locais, e de *cards* sobre a pesquisa no perfil

profissional da pesquisadora na rede social *Instagram*.

### **Análise dos dados**

Os dados provenientes do questionário sociodemográfico foram utilizados com a finalidade de caracterizar os participantes e levantar informações sobre o uso individual do *smartphone* no cotidiano. Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados com base na análise temática. Trata-se de um método de análise que visa identificar, relatar e organizar os dados coletados, a partir dos seguintes passos: 1) Familiarização com os dados: as entrevistas foram ouvidas e as transcrições foram revisadas para a realização de anotações; 2) Geração de códigos iniciais: as características potencialmente relevantes dos dados foram nomeadas; 3) Pesquisa de temas evidenciados nas entrevistas: foi realizada a busca de temas; 4) Refinamento da análise em subtemas: os temas que refletiram os dados mais relevantes foram revisados e agrupados; 5) Nomeação de temas e seleção de trechos das entrevistas que os ilustrassem; 6) Redação dos resultados: discussão dos temas como resultado com a utilização de trechos selecionados (Braun & Clarke, 2012).

### **Questões éticas**

Esta pesquisa é vinculada ao projeto guarda-chuva “Novas configurações relacionais no ciclo de vida de desenvolvimento familiar”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Atitus Educação (CAAE 40956320.3.0000.5319). Cumprindo-se as exigências éticas do Conselho Nacional de Saúde (CNS), Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 sobre pesquisas com seres humanos (CNS, 2012; 2016). Foram ainda obedecidas as orientações contidas no Ofício Circular 02/2021, sobre pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual (CNS, 2021).

Conforme o TCLE assinado pelos participantes, todos foram informados de que a pesquisa oferecia riscos mínimos e as

entrevistas poderiam causar desconforto emocional relacionado ao seu conteúdo, sendo asseguradas a utilização de nomes fictícios, o sigilo de suas identidades, a possibilidade de interromper sua participação a qualquer momento e o encaminhamento a serviço de atendimento psicológico gratuito, caso necessário. Não houve relatos de desconforto pelos participantes em nenhum momento da pesquisa, tampouco a necessidade de encaminhamento para atendimento psicológico.

### **Resultados e discussão**

A partir do levantamento de dados do questionário sociodemográfico foi possível obter as seguintes informações sobre os participantes da pesquisa: o tempo de coabitação dos casais é maior entre aqueles que possuem filhos adolescentes e os recasados com filhos de relacionamentos anteriores. Já o tempo de relacionamento abrange o período total da relação e foi bastante variável entre os participantes, independente da etapa do ciclo vital dos casais.

Com relação ao lazer, os casais sem filhos elegeram a leitura, assistir séries e a prática de esportes como suas atividades preferidas. Os casais com filhos citaram os momentos passados em família. Já o uso do *smartphone* foi considerado dentre as atividades de lazer preferidas em ambos.

Especificamente sobre o *smartphone*, 15% dos participantes possuem aparelho ou chip para uso exclusivo do trabalho. E, do total de participantes, 45% assinalaram que verificam notificações, respondem todas as solicitações, enviam e solicitam informações em qualquer horário do dia durante a semana. Aos finais de semana, a utilização para fins laborais foi mantida na maior parte dos casos (60%), porém restrito a assuntos que consideram importantes.

Os resultados do questionário sociodemográfico também evidenciaram a intensidade do uso do *smartphone* em situações do cotidiano. A questão de múltipla escolha

mostrou que 80% dos participantes mantêm o *smartphone* por perto a maior parte do dia; 55% consideram a verificação do *smartphone* a última coisa a ser feita antes de dormir; metade dos participantes considera a primeira ação a ser feita ao acordar (além da função despertador); 35% deixam o dispositivo próximo durante as refeições, 30% o levam ao banheiro quando vão tomar banho; e 5% referem sentirem-se desconfortáveis em ambientes nos quais não possa utilizá-lo. O uso do *smartphone* em sala de aula e enquanto se assiste televisão também foi citado. Quanto à forma de comunicação, 55% dos participantes preferem utilizar o *smartphone* para o envio de mensagens do que para ligações.

Com relação aos aplicativos de comunicação e às redes sociais, o *WhatsApp*, o *Instagram*, o *Facebook* e o *Youtube* foram os mais acessados pelos participantes em seu cotidiano. Sobre os perfis dos participantes nas redes sociais, apenas um casal informou ter um perfil conjunto no *Facebook*.

Há uma heterogeneidade quanto às etapas do ciclo vital conjugal vivenciadas pelos participantes. Em alguns observa-se com nitidez as características correspondentes à determinada etapa. Porém, na maior parte dos casos encontram-se elementos que transitam entre diferentes etapas, como por exemplo os casais que vivenciam a “formação do casal” e estão em transição para a parentalidade; casais com filhos adolescentes que não saíram de casa, mas que experimentam vivências da fase “preparação e afirmação”, além dos casais recasados sem filhos do atual relacionamento, mas com filhos de relações anteriores. No entanto, não foram contemplados neste estudo casais que estivessem na fase de “anos tardios”. Além disso, há uma homogeneidade quanto à etnia (90% brancos), orientação sexual (100% heterossexuais) e escolarização (65% com ensino superior, especialização ou pós-graduação).

A partir da análise temática evidenciou-se dois temas: “O papel do *smartphone* no ciclo vital conjugal” e “A pandemia e as mudanças no uso do *smartphone*”. No tema “O papel do

*smartphone* no ciclo vital conjugal” é abordado como os casais utilizam o dispositivo em processos adaptativos da conjugalidade representados pela escolha conjugal e construção do relacionamento, o modo como usufruem o tempo juntos, o lazer à dois, as necessidades da parentalidade e a preservação da individualidade e da privacidade. O tema também compreende os efeitos do *smartphone* em elementos que compõem a qualidade conjugal, como o investimento na relação conjugal, as demonstrações de cuidado e de preocupação, as manifestações de afeto e a satisfação conjugal.

O tema “A pandemia e as mudanças no uso do *smartphone*” refere-se à utilização desta tecnologia frente à pandemia Covid-19 como um estressor imprevisível do ciclo vital. O *smartphone* nesse contexto desafia o relacionamento conjugal pelas mudanças nas relações de trabalho e pela intrusão eletrônica na parentalidade e na transmissão de valores, bem como oferece uma fonte de apoio às interações conjugais com a família estendida e outros sistemas neste momento crítico da humanidade.

### O papel do *Smartphone* no Ciclo Vital Conjugal

A escolha conjugal que compreende a fase da formação do casal envolve a valorização ou desvalorização de atributos e características dos parceiros, assim como a comparação entre a expectativa gerada inicialmente e a realidade sobre o casamento (Delatorre et al., 2022). Os aplicativos de relacionamento e as interações por meio do *smartphone* proporcionam que os casais identifiquem semelhanças e compatibilidades que irão repercutir na fase de formação do casal, como refere Guilherme (casal 4) em relação à companheira: “*Conversei com algumas pessoas, mas nada que tivesse, assim, chamado atenção. Aí eu conheci a Lívia, as ideias, os pensamentos e a conversa dela sempre bateu muito com a minha. Isso foi muito legal*”.



Há uma singularidade nos relacionamentos que iniciam de modo virtual. A dinâmica relacional acontece a partir da espera pelo encontro presencial, um período para a geração de confiança para que os indivíduos decidam comprometer-se com a relação, num processo de identificação de afinidades e desenvolvimento de vínculo afetivo que se sobreponham à atração física. O compromisso assumido é valorizado, mesmo que a intimidade ocorra posteriormente (Haack & Falcke, 2017). Daniela (casal 7) demonstra como a relação de confiança e a constituição de um compromisso fundamentaram a espera pelo primeiro encontro presencial: *“Daí me adicionou no Instagram e a gente ficou conversando por longos 7 meses até a gente se conhecer pessoalmente. Daí a gente se conheceu, e quando a gente se conheceu a gente já começou a namorar”*.

A tecnologia oferece uma maneira rápida e acessível de lidar com questões conjugais a qualquer momento, as trocas *online* podem melhorar as habilidades de socialização e a capacidade de compreender melhor o contexto do parceiro, além de proporcionarem um enriquecimento da comunicação conjugal e maior proximidade afetiva (Hertlein & Ancheta, 2014). O companheirismo, as ações de cuidado e a dedicação entre os parceiros conjugais se relacionam ao investimento na relação conjugal. Expressões de cumplicidade e reciprocidade são características que tornam o relacionamento conjugal mais seguro e fortalecessem o vínculo relacional (Porreca, 2019). A coesão remete ao engajamento do casal, assim como à troca de ideias e a realização de atividades prazerosas em conjunto (Andrades, Delatorre, & Wagner, 2021). Os relatos a seguir exemplificam como os participantes reconhecem o uso do dispositivo como experiências de troca, contribuindo para a proximidade e coesão conjugal: *“A gente está ali de bobeira no sofá, a gente acaba pegando o celular, normal, e quando eu vejo algum vídeozinho que eu quero mostrar pra ele, eu já envio. O celular é algo que a gente tem uma troca”* (Gisele, casal 10). *Então é importante ter essa troca, né,*

*principalmente pelo WhatsApp. Acho que é bem afetivo e, se a gente não tivesse, acho que não seria tão positivo assim* (Beatriz, casal 3).

As demonstrações de cuidado e de preocupação constituem recursos significativos para a conjugalidade (Costa & Mosmann, 2015). As manifestações de preocupação e cuidados também exercem um importante papel na construção da intimidade conjugal (Andrades, Delatorre, & Wagner, 2021). O uso do *smartphone* para o cuidado mútuo foi mencionado pelos casais, Guilherme (casal 4) relata uma situação do cotidiano conjugal em que o *smartphone* é utilizado em prol do cuidado pois sua companheira viaja diariamente para trabalhar em outro município: *“Ela chega, já me manda uma mensagem que chegou bem, sempre peço pra ela me mandar [...] Quando ela sai de lá, ela sempre me manda, então eu sempre desejo uma boa viagem”*.

Ações supostamente simples ressoam positivamente na relação conjugal. Ser criativo e zeloso repercute satisfatoriamente na relação (Costa & Mosmann, 2015). No início dos relacionamentos, as manifestações de afeto são importantes para a construção da intimidade e para que o vínculo conjugal se forme. No entanto, no decorrer do tempo, a intimidade se modifica e deixa lacunas que podem ser preenchidas com cuidado e demonstrações de carinho cotidianas (Andrades, Delatorre, & Wagner, 2021). Solange (casal 5), dezoito anos de relacionamento conjugal, descreve como o *smartphone* é utilizado para manifestar afeto e preencher esse espaço: *“Eu gosto de mandar uma mensagem pra ele, ele gosta de mandar uma mensagem pra mim, sabe? Ou até as caretinhas românticas, essas coisas. Isso eu gosto”*. O *smartphone* amplia as possibilidades de expressão de afeto entre os casais, que são componentes da qualidade conjugal.

A definição de objetivos comuns e a organização do casal para usufruir do tempo juntos compõem a base para uma identidade conjugal (Delatorre & Wagner, 2021). Torna-se essencial que o casal disponha de momentos exclusivos e realize atividades conjuntas,

simplesmente pelo prazer da companhia do outro (Costa & Mosmann, 2015). Casais sem filhos e com menor tempo de coabitação utilizam mais o *smartphone* para desfrutar do tempo que possuem juntos, como destacado por Eduardo (casal 3): *“Quando a gente deita junto na cama, a gente “conversa” vamos dizer assim, pega o smartphone, vê uma notícia mostra para o outro, manda uma coisa no Instagram. Normalmente é assim nesses momentos, juntos”*.

Casais com filhos pequenos vivenciam a etapa da expansão da base, na qual a falta de tempo juntos causa angústia e impacta negativamente na qualidade conjugal (Wagner, Mosmann, Scheeren, & Levandowski, 2019). Ao assumir os novos papéis conjugais, o casal precisa remodelar a dinâmica conjugal para incluir os filhos ao mesmo tempo em que as fronteiras e a conjugalidade devem ser preservadas (Delatorre et al., 2022). O nascimento de um filho marca uma mudança radical na organização familiar. As funções dos cônjuges devem ser diferenciadas para atender aos requisitos da criança e enfrentar as restrições impostas ao tempo que o casal dispõe (Minuchin, 1984). Fran (casal 6) expõe a insatisfação pelo fato de o casal utilizar o *smartphone* a noite. Concomitante a isso, a participante reconhece a falta de tempo ocasionada pelas tarefas da parentalidade e a alternativa para desfrutar de um tempo juntos, ainda que recorram ao dispositivo: *“É o tempo que a gente tem. Porque a nossa rotina, ultimamente, a gente faz o [nome do filho] dormir, aí vem, janta, assiste uma série e aí depois vai pro celular antes de dormir. [...] É um passatempo também”*. O *smartphone* aparece nessa relação triangular como um elemento importante para a alívio da tensão conjugal e para a manutenção do relacionamento.

Esses casais também se deparam com o desafio de manter a conjugalidade perante as necessidades da parentalidade. A preservação do espaço conjugal pode ser mantida por meio do lazer à dois, e para que esses momentos ocorram é comum que os casais recorram às

famílias de origem e solicitem auxílio da rede de apoio (Delatorre et al., 2022). Fábio (casal 6) reflete sobre a diminuição do uso do *smartphone* para o alívio da tensão conjugal gerada pelas atribuições da parentalidade: *“Quando tem o “vale-night”, ele [filho] fica com os avós, aí a gente sai. Normalmente alguma janta com amigos e tudo mais. Aí não tem aquele uso que tem que ficar o tempo todo, sabe? Não, aí não tem tanto”*.

Ainda no que diz respeito ao tempo juntos, os casais recasados, neste estudo composto por pessoas acima dos 40 anos, mantêm um padrão relacional que foi estabelecido ao longo do tempo por gerações com menor interferência da tecnologia nos relacionamentos e, portanto, priorizam atividades em conjunto sem a utilização do *smartphone*: *“A gente gosta muito de mexer no jardim, daí realmente eu deixo o celular aqui na cozinha daí a gente fica lá trabalhando”* (Lore, casal 1). *“Quando a gente vai caminhar a gente conversa bastante, sabe. E ela fala um pouco das angústias dela. [...] Eu também conto meus sonhos. Eu acho que a gente se ajuda nesse nível, nessas conversas”* (Afonso, casal 2). Pode-se dizer que há uma mudança em relação ao uso do *smartphone* de acordo com o amadurecimento da relação e o estabelecimento da identidade conjugal. A evolução e manutenção do relacionamento ocorre por meio de ações realizadas pelo casal, nas quais a tecnologia assume diversos papéis no cotidiano, afeta a energia e o tempo investido na relação (Nina-Estrella, Montero-López Lena, & Manríquez Betanzos, 2020).

A dedicação ao lazer à dois favorece a manutenção da saúde conjugal e impede a sobrecarga do relacionamento (Delatorre & Wagner, 2021). O envolvimento dos casais no uso compartilhado de tecnologia enquanto estão juntos funciona de forma semelhante ao compartilhamento de outras atividades de casal e pode aumentar potencialmente o vínculo (McDaniel, Galovan & Drouin, 2020). Casais sem filhos utilizam mais o *smartphone* como atividade de lazer a dois, como destacado nas falas dos participantes: *“No final de semana*

*estamos os dois jogados no sofá, ou cada uma pega um livro ou seu celular, né. Ou põe um jogo de MBA. Ou assiste uma série, quando não tá fazendo nada. Mas, o celular é presente”* (Norton, casal 8). *“No meu caso é intensidade. Ah, eu vi um cenário legal, eu vou registrar. Eu vi a comida, achei bonita, vou registrar. Então, eu faço com mais frequência”* (Beatriz, casal 3).

Casais recasados ou com mais tempo de relacionamento, priorizam atividades de lazer que não envolvam o uso do *smartphone* ou buscam evitar sua utilização nesses momentos, o que fica evidente na fala de Afonso (casal 2): *“Nossos momentos de lazer são no domingo, quando a gente sai pra almoço em família, ou quando a gente vai caminhar no [nome do local], ou quando a gente viaja. Daí o celular fica bem menos presente, bem menos.* Independentemente do uso da tecnologia interromper ou melhorar os relacionamentos conjugais, a quantidade e o tipo de uso da tecnologia alternam-se no cotidiano, e as variações quanto ao uso do *smartphone* nos momentos de lazer do casal afetam a satisfação conjugal (McDaniel, Galovan & Drouin, 2020).

Assim como o lazer, os processos adaptativos do casal envolvem o respeito à individualidade e a privacidade, pelos quais almeja-se a preservação dos espaços individuais, mantendo-se relativo grau de independência e o emprego de energia em aspectos alheios à vida conjugal (Delatorre & Wagner, 2021). Os avanços da tecnologia e da comunicação produzem efeitos na forma com que os casais lidam com suas individualidades (Hertlein & Ancheta, 2014). Casais satisfeitos com seus relacionamentos buscam contemplar as expectativas conjugais e compartilham interesses, sem deixar de conservar suas individualidades (Tissot & Falcke, 2017). O casal 5 vivencia elementos da fase de preparação e afirmação, refere um vínculo estável, a satisfação com o relacionamento e a utilização do *smartphone* para o exercício da individualidade. Seu discurso exemplifica tais questões: *“Às vezes eu fico olhando meu Face [Facebook] e ele fica jogando no celular dele*

*[...] depois a gente assiste um filme, faz alguma coisa”* (Solange). *“Tem o pessoal da empresa, que a gente joga junto. Às vezes no intervalo, às vezes quando sobra um tempo de noite. Não tem muito certo, assim. Daí tem o grupo e a gente só bota “ah, vamos jogar?”* (Pedro Gabriel).

A força dos valores individualistas da sociedade contemporânea e a interferência da virtualidade no cotidiano dos casais acentuam a difícil tarefa de articular as individualidades com a conjugalidade e repercutem também na consolidação da identidade conjugal (Mendes-Campos, Féres-Caneiro, & Magalhães, 2020). É necessário que haja uma negociação sobre os projetos individuais e conjugais e a decisão por ter filhos faz parte dela e pode implicar no desenvolvimento da relação, principalmente quando não há uma definição consensual acerca disso (Bernardi, Mello, & Féres-Carneiro, 2019). Assim, a utilização do *smartphone* está presente no atravessamento dos interesses individuais sobre o projeto conjugal que envolve a construção da parentalidade e pode diminuir a satisfação conjugal, como observado na fala Ângela (casal 9): *“Eu disse – bom, se eu engravidei a gente vai ficar junto, vamos continuar na nossa família, mas você precisa desinstalar o jogo e você precisa estar mais presente né, porque isso incomoda muito – então, ele tem tido mais cuidado”*.

A família de origem oportuniza vivências importantes em relação à cultura, à moral, aos valores que são transmitidos de geração em geração. É a partir das relações desenvolvidas na família que os comportamentos são aprendidos desde o nascimento (Schulz & Colossi, 2020). A interferência tecnológica considera as intrusões cotidianas ou interrupções nas interações interpessoais ou no tempo gasto em conjunto que ocorrem devido a dispositivos de tecnologia digital e móvel (McDaniel & Coyne, 2016). A intrusão eletrônica na parentalidade ocorre por meio de interrupções durante conversas, refeições ou brincadeiras, na forma de uma intrusão sentida quando a outra pessoa

interage com a tecnologia digital durante o tempo que juntos, o que prejudica a qualidade da coparentalidade (McDaniel & Radesky, 2018).

Os relatos dos participantes que têm filhos pequenos revelam a preocupação com a transmissão de comportamentos relacionados ao uso do *smartphone* e a interferência no exercício da parentalidade: “Depois que a [nome da filha] nasceu tenho esse cuidado, sempre tenho que tá me policiando, porque se torna um hábito a gente pegar o telefone pra ficar olhando alguma coisa, porque é atrativo, né” (Elias, casal 7). O participante Airton (casal 10) compara a interferência tecnológica no relacionamento conjugal e nas interações com o filho, considerando maior preocupação com a última: “[...] pra gente pode dar mais atenção pro nosso filho. Não é certo ficar pendurado no celular. Quando se é casal né, se torna mais fácil. Mas, quando tem uma criança crescendo ele precisa de ti presencialmente, não virtualmente”. Casais com filhos adolescentes também percebem a intrusão eletrônica do *smartphone* e o impacto na qualidade do vínculo parental. Pedro Gabriel (casal 5) relata as mudanças que percebeu na interação com seus filhos durante alguns meses em que ficou sem o seu *smartphone*: “Eu ficava brincando com os piá, jogava videogame com meus filhos, brincava de boneco, fazia bastante coisa com eles” (Pedro Gabriel, casal 5).

As percepções positivas do uso da tecnologia na parentalidade envolvem, por meio do *smartphone*, a impressão de segurança e controle dos filhos quando não estão por perto e o sentimento de que eles permanecem presentes quando residem em localidades diferentes (Neumann & Missel, 2019). Os relatos de casais com filhos adolescentes e adultos exemplificam tais percepções sobre o uso do *smartphone* na parentalidade: “O Pedro Gabriel botou um programa que chega até um horário que bloqueia o celular deles. Daí eles não ficam. Mando eles dormir pro outro dia ir pra aula” (Solange, casal 5). A [nome da filha] mora fora, né. E, eu, sempre, antes de dormir,

deixo o celular num volume baixinho pra se tiver algum problema com ela, eu consiga ouvir, né” (Afonso, casal 2). “Eu baixo o som de alguns [contatos] só não baixo o som dos meus filhos” (Lore, casal 1).

### “A pandemia e as mudanças no uso *smartphone*”

As videochamadas ou videoconferências se tornaram comuns na pandemia causada pelo COVID-19. E, considerando que as interações entre as pessoas são fundamentais para o equilíbrio emocional, tais mecanismos possibilitaram a comunicação entre pessoas e a manutenção dos vínculos afetivos, reduzindo os impactos negativos do isolamento social (Primo, 2020). O relato das participantes mostra como a utilização do *smartphone* foi fundamental para as interações do casal com a família de origem e amigos durante o período de isolamento: “Nosso contato com eles foi diferente porque a gente fazia mais essas videochamada. Então foi algo novo pra gente como casal até, porque não era o uso que a gente tinha” (Beatriz, casal 3). / “Eles [comunidade da Igreja] fazem muito as Lives e os cultos. Então a gente assistia bastante, assim. Nesse sentido foi bom” (Lore, casal 1).

A comunicação mediada por dispositivos, nas quais as chamadas telefônicas são regulares, aumenta a satisfação, o amor e o compromisso, bem como reduz a incerteza relacional nos relacionamentos românticos (Chan, 2018). A razão é que as chamadas de celular são um meio de comunicação síncrona e são utilizadas pelos casais para gerenciar relacionamentos, pois contribuem direta e indiretamente para aprofundar a relação (Li, 2021). Segundo Eduardo (casal 3) os benefícios do uso do *smartphone* foram essenciais no período em que eles ficaram afastados em função da Beatriz ter ficado na incumbência do cuidado dos pais contaminados pelo coronavírus em uma cidade distante de sua residência: “Diariamente eu perguntava, a todo momento, como é que eles estavam, como é que ela estava. E à noite a gente se



*conversava até pra dar desabafada, que foi uns dias bem complicados. Então, o smartphone ajudou nesse sentido”.*

Para constituir-se casal é necessário ressignificar questões do ideal nuclear, ajustar-se à realidade e buscar novas formas de estruturação e dinâmica conjugal e familiar (Porreca, 2019). As famílias de origem influenciam na propagação de valores e repercutem no modo como o casal assume os seus papéis com relação à parentalidade tornando a preservação da conjugalidade um desafio para a etapa de expansão de base (Delatorre et al., 2022). O participante Airton (casal 10) referiu quais estratégias o casal utilizou para lidar com as expectativas familiares referentes ao aniversário do filho e sobre os métodos de prevenção adotados com relação ao COVID-19, mostrando a utilização do *smartphone* para o estabelecimento de fronteiras com as famílias de origem e a consolidação da identidade conjugal: *“Meu filho teve dois aniversários que a gente fez a festinha dele foi virtual né. [...] Fui um pouco taxado na família porque eu tava meio neurótico, mas “o neurótico” não pegou a doença e não levou pra ninguém”.*

A preocupação com a manutenção do emprego, a sobrecarga de atividades e a dificuldade de enfrentar as demandas da vida profissional influenciam no modo como as pessoas lidam com o tema trabalho no relacionamento conjugal (Delatorre & Wagner, 2021). Dar atenção ao relacionamento conjugal ficou mais difícil em razão dos parceiros se manterem conectados às atividades profissionais por meio do *smartphone*. Segundo Lívia 4 (casal 4) *“A gente passou a usar bem mais, né (...) tá sendo utilizado bem mais do que antes da pandemia”.* Segundo Olívia (casal 2) a delimitação entre o espaço público e privado não existe mais *“O próprio trabalho passou a ganhar todos os horários, todos os momentos. Então, sim, eu sou satisfeita com meu relacionamento, mas eu reconheço que ele é prejudicado com o uso excessivo do celular”.*

A pandemia ampliou significativamente o trabalho remoto e atenuou ainda mais a fronteira entre a vida pessoal e profissional (Oliveira & Ribeiro, 2021). As falas dos participantes corroboram com a ideia de que o trabalho invadiu o ambiente doméstico e gerou uma necessidade de se manter conectado a ele por meio do *smartphone*: *“A gente passou a usar bem mais, né. Desde logar o e-mail funcional no telefone, que isso eu não tinha... tá sendo utilizado bem mais do que antes da pandemia, né”* (Lívia 4, casal 4). *“Alguns alarmes, alguns sinais que se tem problema acabam sempre vindo para o meu celular, eu sempre estou ligado”* (Eduardo, casal 3).

Os participantes compreendem que tecnologia e a pandemia intensificaram a complexidade dos relacionamentos conjugais. Segundo Bernardo (casal 9): *“Pela era tecnológica que a gente vem vivendo e pela questão pós pandemia que intensificou a complexidade da convivência à dois”.* O exercício da conjugalidade é mais do que a junção de duas individualidades. Ela resulta em uma terceira relação, complexa, instável e intersubjetiva, que opera de forma permanente e partilhada, e proporciona a formação de um vínculo relacional, pelo qual se buscam objetivos comuns de estabilidade e continuidade (Esteves de Vasconcellos, 2002; Porreca, 2019).

Outro aspecto referido pela participante Daniela (casal 7) refere-se ao uso excessivo do *smartphone*, com o intuito de auxiliar o mal-estar psicológico causado pelo tempo prolongado de isolamento no pós-pandemia. Ela manteve-se isolada em razão dos cuidados da filha recém-nascida: *“Ele (marido) continuou trabalhando, eu me isolei total, não fiz nada. Fiquei só em casa com a [nome da filha]. [...]Pra poder ver as coisas tu ficava no celular, pra poder ver algo diferente. Acho que foi o que viciou mais”.* O uso compensatório da tecnologia (Yang, Liu & Fang, 2021) sugere que, quando os indivíduos enfrentam adversidades, eles costumam usá-la para aliviar emoções negativas, embora isso possa levar adversamente ao seu uso excessivo da *Internet*.

O ser humano sofre, biológica e socialmente, as consequências da má utilização das novas tecnologias ainda que ele tenha sido o responsável por elas. Conhecer os impactos da tecnologia significa ter recursos para reinterpretar o seu uso e refletir sobre como pode lidar com eles (Oliveira et al., 2020).

### Considerações finais

O objetivo desse estudo foi compreender o papel do *smartphone* no relacionamento conjugal. Evidenciou-se que o uso do dispositivo permeia o relacionamento conjugal ao longo do seu desenvolvimento e potencializa as adversidades das diferentes etapas do ciclo vital conjugal, mas também pode servir como recurso para o casal lidar com as dificuldades encontradas nesse percurso.

Este estudo possibilitou compreender que o uso do *smartphone* interfere em como os casais conduzem os processos adaptativos de acordo com cada etapa do ciclo vital conjugal e impacta a qualidade e a satisfação conjugal. O dispositivo pode auxiliar no conhecimento dos atributos e características dos parceiros e na geração da confiança durante a formação do casal, principalmente para os relacionamentos que iniciam de forma virtual. Também é utilizado nas expressões de afeto, demonstrações de cuidado e preocupação em diferentes fases do ciclo vital, além de acompanhar as mudanças na intimidade.

Casais sem filhos utilizam mais o *smartphone* durante o tempo juntos e nas atividades de lazer, como forma de compartilhar seus momentos bom e até mesmo de exercitar sua individualidade no contexto conjugal. Para casais com filhos pequenos, há uma triangulação com o *smartphone* para o alívio da tensão conjugal diante das diferenças com relação ao exercício da parentalidade. Já a percepção da interferência tecnológica e da intrusão eletrônica na qualidade do vínculo parental foi observada em casais com filhos pequenos e com filhos adolescentes.

Já os casais recasados utilizam menos o *smartphone* durante o tempo juntos e nas

atividades de lazer, bem como evidenciam como a interferência desta tecnologia no relacionamento conjugal diminui com o amadurecimento da relação e da consolidação de uma identidade conjugal.

O estudo também possibilitou identificar que a pandemia Covid-19 intensificou a complexidade da relação conjugal e ampliou o uso do *smartphone* e de outras tecnologias em diversos aspectos da vida. A fronteira entre a vida pessoal e profissional foi atenuada com a ampliação do trabalho remoto e a utilização do dispositivo para atividades profissionais denotou a necessidade de se permanecer conectado ao trabalho numa invasão do espaço doméstico e conjugal. Quanto ao isolamento social provocado pela pandemia o *smartphone* se constituiu como uma ferramenta de manutenção dos vínculos afetivos, de comunicação com as famílias de origem e que repercutiu no modo como os casais vivem a conjugalidade.

Os resultados deste estudo podem contribuir para a compreensão da complexidade da interferência da tecnologia nos relacionamentos conjugais da sociedade contemporânea, bem como oferecer subsídios a profissionais da Psicologia no atendimento de casais que enfrentem problemáticas relacionadas ao tema. Por esta razão, se reforça a importância da continuidade de investigações sobre o tema do uso do *smartphone* e a conjugalidade, uma vez que se constitui num fenômeno atual e até agora pouco estudado por pesquisadores brasileiros.

O estudo apresentou limitações. Primeiramente, o perfil dos participantes foi heterogêneo em termos de situação conjugal, idade, existência de filho e etapas do ciclo vital conjugal, ainda que não contemplado casais na etapa dos “anos tardios”. Entretanto, há homogeneidade quanto à etnia, orientação sexual e escolarização.

O tema de estudo se mostrou sensível à conjugalidade, uma vez que dez casais que se dispuseram a participar da pesquisa desistiram

antes mesmo da coleta de dados, o que interferiu na duração desta etapa, pois a cada interrupção era reiniciada a busca por participantes na rede relacional da pesquisadora.

Sugere-se a realização de futuras pesquisas que contemplem a heterogeneidade

de configurações familiares e a diversidade do tema, como por exemplo o uso das redes sociais, a vigilância eletrônica e a infidelidade virtual, além de outros que possam reverberar nas diversas etapas de desenvolvimento do ciclo vital conjugal.

## Referências

- Água, J., Lourenço, M. G., Patrão, I., & Leal, I. (2019). *Partner Phubbing (PPhubbing): Validação portuguesa. Psicologia, Saúde & Doenças, 20*(1), 234-241. doi: 10.15309/19psd200119
- American Psychological Association [APA]. (2019). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (7. ed.). Washington, DC: APA.
- Andolfi, M., & Mascellani, A. (2023). *Intimidade de casal e tramas familiares*. Belo Horizonte: Artesã.
- Andrades, B. A., Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2021). Qualidade conjugal: paralelo entre a perspectiva de casais e instrumentos de medida. *Revista de Psicología, 39*(2), 497-530. doi: 10.18800/psico.202102.001
- Bernardi, D., Mello, R., & Féres-Caneiro, T. (2019). Ambivalências frente ao projeto parental: vicissitudes da conjugalidade contemporânea. *Revista da SPAGESP, 20*(1), 9-23. doi: 10.4013/ctc.2018.112.02
- Boechat, I. T., Cabral, H. L. T. B., & Souza, C. H. M. de. (2017). Relacionamentos virtuais e família: Enlaces interculturais. *Revista Internacional de Folkcomunicação, 15*(35), 141-164. doi: 10.5212/RIF.v.15.i35.0008
- Braun, V. & Clarke, V. (2012). Thematic analysis. In H. Cooper, P. M. Camic, D. L. Long, A. T. Panter, D. Rindskopf, & K. J. Sher (Eds.). *APA Handbook of Research Methods in Psychology* (pp. 5-701). American Psychological Association.
- Bröning, S., & Wartberg, L. (2022). Attached to your smartphone? A dyadic perspective on perceived partner phubbing and attachment in long-term couple relationships. *Computers in Human Behavior, 126*, 1-11. doi: 10.1016/j.chb.2021.106996
- Canezin, P. F. M., & Almeida, T. de. (2015). O ciúme e as redes sociais: Uma revisão sistemática. *Pensando Famílias, 19*(1), 142-155. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n1/v1-9n1a12.pdf>
- Cervený, C. M. de O., & Berthoud, C. M. E. (2010). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Chan, M. (2018). Mobile-mediated multimodal communications, relationship quality and subjective well-being: An analysis of smartphone use from a life course perspective. *Computers in Human Behavior, 87*, 254-262. doi: 10.1016/j.chb.2018.05.027
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466*. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510*. Recuperado de

- <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde. (2021). *Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual*. Recuperado de [http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio\\_Circular\\_-2\\_24fev2021.pdf](http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_-2_24fev2021.pdf)
- Costa, C. B. da, & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 16-31. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v16n2/v16n2a03.pdf>
- Dantas, C. R. T., Féres-Caneiro, T., Machado, R. N., & Magalhães, A. S. (2019). Repercussões da Parentalidade na Conjugalidade do Casal Recasado: Revelações das Madrastas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, 1-9. doi: 10.1590/0102.3772e3545
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2021). A relação conjugal na perspectiva dos casais. *Ciencias Psicológicas*, 15(1), 1-20. doi: h10.22235/cp.v15i1.2355
- Delatorre, M. Z., Maesima, G. M.; Coelho, L. R. M., & Wagner, A. (2022). O ciclo de vida de casais brasileiros: Uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, 34(1), 191 – 204. Recuperado de [http://www.psi.puc-rio.br/site/images/psi\\_puc/publicacoes/psi3401.pdf](http://www.psi.puc-rio.br/site/images/psi_puc/publicacoes/psi3401.pdf)
- Esteves de Vasconcellos, M. J. (2013). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência* (10 ed.). Campinas, SP: Editora Papirus.
- González-Rivera, J., Segura-Abreu, L., & Urbistondo-Rodríguez, V. (2018). *Phubbing* en las relaciones románticas: Uso del celular, satisfacción en la pareja, bienestar psicológico y salud mental. *Interacciones: Revista de Avances en Psicología*, 4(2), 81-91. doi: 10.24016/2018.v4n2.117
- Gritti, A., Salvati, T., Russo, K., & Catone, G. (2020). Covid-19 pandemic: A note for psychiatrists and psychologists. *Journal of Psychosocial Systems*, 4(1), 63-77. doi: 10.23823/jps.v4i1.70
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2017). Rel@cionamentos.com: Diferenciando os relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet. *Revista Colombiana de Psicologia*, 26(1), 31-44. doi: 10.15446/rcp.v26n1.53241
- Hertlein, K. M., & Ancheta, K. (2014). Clinical application of the advantages of technology in couple and family therapy. *The American Journal of Family Therapy*, 42(4), 313–324. doi: 10.1080/01926187.2013.866511
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2021). *Pesquisa Nacional por Amostra à Domicílios Contínua*. Recuperado de <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7356#resultado>
- Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística [IBOPE]. (2018). *Mais da metade dos brasileiros não consegue ficar um dia longe do celular*. Recuperado de <https://tecnologia.ig.com.br/2019-02-22/brasileiros-nao-ficam-sem-celular.html>
- Leggett, C., & Rossouw, P. J. (2014). The impact of technology use on couple relationships: A neuropsychological perspective. *International Journal of Neuropsychotherapy*, 2(1), 44-99. Recuperado de <https://www.thescienceofpsychotherapy.com/the-impact-of-technology-use-on-couple-relationships/>
- Li, X. (2021). Mobile-Mediated Communication in Romantic Relationships: The Effects of Communication Indicators and Love Attitude on Relationship Quality. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 24(7), 480-487. doi: 10.1089/cyber.2020.0675



- Ligman, K., Rodriguez, L. M., & Rocek, G. (2021). Jealousy and electronic intrusion mediated by relationship uncertainty in married and cohabiting couples during COVID-19. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 24(7), 444-449. doi: 10.1089/cyber.2020.0669
- Maziero, M. B., & Antunes de Oliveira, L. (2017). Nomofobia: uma revisão bibliográfica. *Unoesc & Ciência - ACBS*, 8(1), 73-80. Recuperado de <https://periodicos.unoesc.edu.br/acbs/article/view/11980>
- McDaniel, B. T., & Coyne, S. M. (2016). "Technoference": The interference of technology in couple relationships and implications for women's personal and relational well-being. *Psychology of Popular Media Culture*, 5(1), 85-98. doi: 10.1037/ppm0000065
- McDaniel, B. T., & Radeski, J. S. (2018). Technoference: Parent Distraction With Technology and Associations With Child Behavior Problems. *Child Development*, 89(1), 100-109. doi: 10.1111/cdev.12822
- McDaniel, B. T., Galovan, A. M. & Drouin, M. (2020). Daily technoference, technology use during couple leisure time, and relationship quality. *Media Psychology*, 24(5), 637-665. doi: 10.1080/15213269.2020.1783561
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. In F. Walsh (Org.), *Processos normativos na família* (pp. 375-398). Artmed. doi: 10.1037/ppm0000065
- Mendes-Campos, C., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2020). Extimidade virtual e conjugalidade: Possíveis repercussões. *Psicologia: teoria e prática*, 22(1), 285-299. doi: 10.5935/1980-6906/psicologia.v22n1p285-299
- Minayo, M. C. de S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 01-12. Recuperado de <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>
- Minuchin, S. (1984). *Famílias y terapia familiar*. Buenos Aires: Gedisa.
- Neumann, D. M. C., & Missel, R. J. (2019). A Influência da Tecnologia nas Relações Entre Pais e Filhos Adolescentes. *Pensando Famílias*, 23(2), 75-91. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n2/v23n2a07.pdf>
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Nina-Estrella, R., Montero-López Lena, M. & Manríquez Betanzos, J. C. (2020). Phubbing, comunicación tecnológica y calidad de la relación de pareja. *Revista Iberoamericana de Psicología*, 13(3), 38-48. Recuperado de <https://reviberopsicologia.iberro.edu.co/article/view/1906>
- Oliveira, G. L., & Ribeiro, A. P. (2021). Relações de trabalho e a saúde do trabalhador durante e após a pandemia de COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(3). doi: 10.1590/0102-311X00018321
- Oliveira, T. S., Rocha Neto, M. P., Barreto, L. K. S., Brito, L. M. P., & Pinheiro, L. V. S. (2020). 'Tenho Celular, Logo Existo' - Um Estudo da Nomofobia na Formação de Futuros Gestores. *Revista de Administração da Unimep*, 18(1), 91-110. Recuperado de <http://www.spell.org.br/documentos/ver/57936/-tenho-celular--logo-existo---um-estudo-da-nomofobia-na-formacao-de-futuros-gestores/i/pt-br>
- Oliveira, R. S., Barros, B. M. C, & Goulart, G. M. (2016). As tecnologias da informação e comunicação na (des)construção das relações humanas contemporâneas: implicações do uso do aplicativo Tinder. *Revista Brasileira de Direito*, 12(1), 88-99. doi: <https://doi.org/10.18256/2238-0604/revistadedireito.v12n1p88-99>

- Porreca, W. (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós.” *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(número especial), 1-12. doi: 10.1590/0102.3772e35nspe7
- Primo, A. (2020) Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. *Revista Comunicação & Inovação*, 21(47), 176-196. Recuperado de [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/7283/3187](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7283/3187)
- Roberts, J. A., & David, M. E. (2016). My life has become a major distraction from my cell phone: *Partner phubbing* and relationship satisfaction among romantic partners. *Computers in Human Behavior*, 54(1), 134-141. doi: 10.1016/j.chb.2015.07.058
- Scheeren, P., Neumann, A. P., Gryzbowsky, L. S., & Wagner, A. (2015). Como se caracterizam os conflitos conjugais? In: A. Wagner, C. Mosmann, D. Falcke. *Viver a dois: Oportunidades e desafios da conjugalidade* (pp. 41-65). São Leopoldo, RS: Editora Sinodal.
- Schulz, C., & Colossi, P. (2020). A Transmissão Transgeracional dos Modelos Conjugais. *Pensando Famílias*, 24(1), 45-66. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2020000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100005)
- Tissot, D. W., & Falcke, D. (2017). A conjugalidade nas diferentes etapas do ciclo vital familiar. *Quaderns de Psicologia*, 19(3), 265-276. doi: 10.5565/rev/qpsicologia.1399
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. doi: 10.20396/tematicas.v22i44.10977
- Wagner, A., Mosmann, C. P., Scheeren, P., & Levandowski, D. C. (2019). Marriage and Conflict Resolution. *Paidéia*, 29, 1-9. doi: 10.1590/1982-4327e2919
- Wagner, A., & Delatorre, M. Z. (2018). A conjugalidade e suas transformações nos diferentes estágios do ciclo vital. In M. A. dos Santos; D. Bartholomeu; J. M. Montiel (Eds.), *Relações interpessoais no ciclo vital: Conceitos e contextos* (pp. 271-284). Brasília, DF: Vetor.
- Wang, X., Zhao, F., & Lei, L. (2021). Partner phubbing and relationship satisfaction: Self-esteem and marital status as moderators. *Current Psychology*, 40, 3365–3375. doi: 10.1007/s12144-019-00275-0
- Yang, H., Liu, B., & Fang, J. (2021). Stress and Problematic Smartphone Use: Smartphone Frequency and fear of Missing Out as Mediators. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 1-8. doi: 10.3389/fpsy.2021.659288
- Yin, R. K. (2016). Compreendendo a pesquisa qualitativa. In R. K. Yin (Ed.), *Pesquisa qualitativa do início ao fim* (pp. 3-18). Porto Alegre, RS: Editora Penso.

---

**Dados sobre as autoras:**

- *Ionara dos Santos Pereira*: Mestre em Psicologia (Atitus Educação/2023 - Passo Fundo/RS). Especialista em Dinâmica das Relações Familiares e Conjugais (Atitus Educação/2016). Especialista em Gestão em Responsabilidade Social (PUC Minas/2012). Psicóloga, graduada pela Universidade de Passo Fundo/RS (UPF/2021). Assistente Social, graduada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA Carazinho/2006). Atua como psicóloga clínica de indivíduos, casais e famílias. É servidora pública, assistente social da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, desde 2012. Possui experiência em atendimento a crianças e adolescentes, e famílias em situação de risco e violações de direitos.
- *Cláudia Cenci*: Doutora em Psicologia Clínica pela PUCRS (2016). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Atitus (Passo Fundo/RS) desde 2017. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Intervenções em Indivíduos, Casais e Famílias (Grupo de Pesquisa NEFAC) desde 2017. Coordenadora da Formação em Terapia Ecológica da Família, do Indivíduo e do Casal (IMED/PF) de 2018/2021. Atua também como Docente na Graduação em Psicologia da Atitus (Passo Fundo/RS) desde 2007. Desenvolve pesquisas com ênfase em relações familiares e conjugais, novas configurações relacionais no ciclo de desenvolvimento familiar relacionado aos seguintes temas: dinheiro e conjugalidade, conflitos conjugais e familiares, tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), entre outras.

---

**Declaração de Direito Autoral**

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de sermos um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais e científicas desde que citada a fonte conforme a licença CC-BY da Creative Commons.



Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

---